

**APRENDER/DESAPRENDER/ REAPRENDER – O ENSINO
DA LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA, COM BASE NAS IDEIAS
DE LEILA RIBEIRO E BERNARD CHARLOT**

Moacir dos Santos da Silva (UENF)

moacir.cap@gmail.com

Sérgio Arruda de Moura (UENF)

Arruda.sergio@gmail.com

RESUMO

A questão da aprendizagem inquieta os envolvidos no sistema educacional de uma forma ampla; todos os governos priorizam isso, seja na esfera federal, estadual ou municipal. É sonho de todo pai, pertencente a qualquer uma das classes sociais, que seu filho se instrumentalize e se prepare a partir dessa perspectiva; a sociedade também espera isso, assim como os gestores, professores e alunos de uma escola; tudo com vistas a melhorar a qualidade de vida e ascender socialmente. É consenso que muitas instituições funcionem, girando em torno dessa premissa e a tenham como basilar em documentos e estatutos que as regem. Dessa forma, destacar esse tema, a “aprendizagem” – sua efetivação no cotidiano, que consta na constituição, nas Leis Orgânicas, nos Projetos Políticos Pedagógicos, dentre outros, é de fundamental importância. O objetivo aqui é analisar a relevância da aprendizagem nos contextos diversos e na sala de aula, principalmente em relação à língua portuguesa; assunto que já vem sendo falado por estudiosos como Paulo Freire, e muitos outros, que também a tratam com o cuidado e o respeito devidos. Aqui cabe um recorte com base nas abordagens de Leila Ribeiro (2020) e Bernard Charlot (2001) e a metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, com os alunos da 3ª série do ensino médio.

Palavras-chave:

Aprendizagem. Sociedade. Sistema educacional.

ABSTRACT

The issue of learning worries those involved in the educational system in a broad way; all governments prioritize this, whether at the federal, state or municipal level. It is the dream of every parent, belonging to any of the social classes, that their child is equipped and prepared from this perspective; society also expects this, as well as managers, teachers and students of a school; all with a view to improving the quality of life and rising socially. It is a consensus that many institutions function around this premise and have it as a basis in the documents and statutes that govern them. Thus, highlighting this theme, “learning” – its implementation in everyday life, which is included in the constitution, Organic Laws, Pedagogical Political Projects, among others, is of fundamental importance. The objective here is to analyze the relevance of learning in different contexts and in the classroom, mainly in relation to the Portuguese language; subject that has already been discussed by scholars such as Paulo Freire, and many others, who also treat it with due care and respect. Here is a cut based on the approaches of Leila Ribeiro (2020) and Bernard Charlot (2001) and the applied

methodology was the qualitative bibliographical research, with the students of the 3rd year of high school.

Keywords:

Learning. Society. Educational system.

1. Introdução (sem recuo à esquerda e com espaçamento 6 pt “antes” e 6 pt “depois”, em “parágrafo” na barra superior)

Desde sempre a questão da aprendizagem inquieta a todos os envolvidos no sistema educacional de uma forma ampla. Todos os governos priorizam isso em suas plataformas, seja na esfera federal, estadual ou municipal. É sonho de todo pai, pertencente a qualquer uma das classes, que seu filho se instrumentalize e se prepare a partir dessa perspectiva; a sociedade também espera o mesmo feito dos membros da comunidade, bem como os gestores, professores e alunos de uma escola.

Os filhos da classe popular e média precisam adquirir a aprendizagem para conquistar os seus espaços, melhorar a qualidade de vida de todos os seus e ascender socialmente; já os filhos de uma elite, precisam manter o *status quo*¹⁸ a fim de garantirem seus bens, seus privilégios e continuarem com o poderio sobre as outras classes.

É consenso que muitos órgãos, muitas instituições funcionem girando em torno dessa premissa e a tenham como basilar em documentos e estatutos que os regem. A “aprendizagem” consta na constituição, nas Leis Orgânicas, nos Projetos Políticos Pedagógicos, dentre outros pareceres, emendas, artigos, incisos etc. A questão é a praticidade e a efetivação disso no cotidiano. A importância da aprendizagem já vem sendo falada e com muita qualidade por estudiosos de estirpe como Paulo Freire, em quase todas as suas obras e muitos outros, que também a tratam com o cuidado e o respeito devidos. Aqui haverá um recorte com base nas abordagens de Leila Ribeiro (2020) e Bernard Charlot (2001), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio e ainda questões práticas e conceituais, ao longo da história, serão abordados.

2. Evolução e transformação da aprendizagem

Sobre a evolução e transformação da aprendizagem, no transcurso

¹⁸ Estado ou circunstância que se mantém igual ou do modo como estava antes de alterações: não podia perder o *status quo* de presidente.

histórico temporal, Ribeiro (2020) fala o seguinte:

Durante o processo de mudanças históricas, a aprendizagem se tornou essencial para que a transformação social acontecesse de maneira positiva para a sociedade. E, com a nossa sociedade, também foi mudando a forma como aprendemos e ensinamos. [...] a cada momento de profunda transformação que vivenciávamos, passava a surgir também um novo processo de aprendizagem, influenciado pelos modelos mentais (ou mindsets) predominantes de cada período histórico. (RIBEIRO, 2020, p. 39)

Com base nas afirmações da autora, acerca da essencialidade da aprendizagem nas transformações humanas, pode-se fazer um retorno e pensar acerca das prioridades demarcadas pelas variadas correntes pedagógicas, quanto ao ensino e à aprendizagem, no transcurso histórico do país e do mundo. Houve um tempo em que o aluno era considerado uma *tábula rasa*¹⁹, alcunha inicial por John Locke (1632–1704) e inspirando-se nisso; desconsiderando-se, inclusive, os aspectos reflexivos e críticos, ocorreu um ensino e uma abordagem, em relação à aprendizagem, pragmáticos e tradicionais.

Em outro momento, houve uma individualização; e o “discípulo” era protagonista, organizador e pensador de suas necessidades, período nomeado de *Escola Nova*²⁰; outro ainda que focava nas questões lógicas, pragmáticas e de treinamento, *Escola Tecnícista*²¹. Passando-se por “tendências” distintas até chegar-se a das *Teorias Progressistas*²².

¹⁹ **Tábula rasa** – expressão criada por John Locke (1632–1704), pensador britânico, foi um notável advogado do empirismo, criando a teoria da “tábula rasa”: o homem nasce como uma folha em branco, sem qualquer ideia inata, e seu conhecimento é definido apenas pelas experiências obtidas por meio dos sentidos.

²⁰ **Escola Nova** – No Brasil, as idéias da Escola Nova foram inseridas em 1882 por Rui Barbosa (1849–1923). O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859–1952). John Dewey, filósofo norte americano, influenciou a elite brasileira com o movimento da Escola Nova. Para John Dewey a Educação, é uma necessidade social.

²¹ **Escola Tecnícista** – A tendência liberal tecnicista subordina a educação à sociedade, tendo como função a preparação de “recursos humanos” (mão-de-obra para indústria). A sociedade industrial e tecnológica estabelece (cientificamente) as metas econômicas, sociais e políticas, a educação treina (também cientificamente) nos alunos os comportamentos de ajustamento a essas metas. No tecnicismo acredita-se que a realidade contém em si suas próprias leis, bastando aos homens descobri-las e aplicá-las. Dessa forma, o essencial não é o conteúdo da realidade, mas as técnicas (forma) de descoberta e aplicação. Skinner foi o expoente principal dessa corrente pedagógica.

²² **Tendências Progressistas** – Partem de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação e é uma tendência que

Essas correntes (tendências) pedagógicas e filosóficas e reflexões acerca de suas prioridades e atuação, em relação ao homem, à epistemologia, à axiologia e à política; afirmações específicas podem ser colocadas aqui. Uma, é sobre a forma de interação para a aprendizagem, ação que se repete por todas as escolas e teorias, aproximando umas das outras ou afastando um pouco, de acordo com os princípios e procedimentos.

Outra questão é a atuação do discente, ora mais passivo e receptivo, ora mais ativo e dinâmico, com pormenores que justificam as situações e trazem explicações de estudiosos para assim ocorrerem, juntamente com os contextos histórico-sociais que também corroboram para tal ocorrência; assim foi no período da Escola Tradicional, da Escola Nova, das Teorias Progressistas e todas as outras.

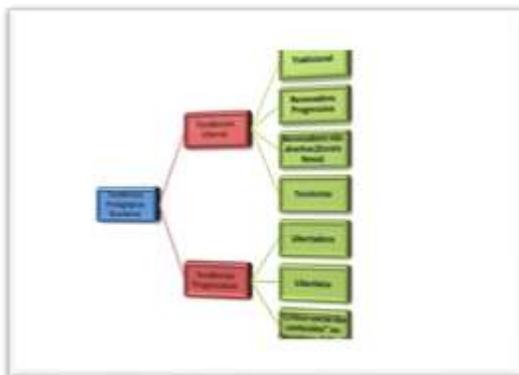
É interessante destacar também que a maioria das aulas que se colocam em prática nas salas, nos espaços educacionais de hoje, passeiam por todas essas tendências e teorias, com momentos em que uma ou outra estará em maior evidência, mas que muitas delas ocorrem, de forma sincrônica, no mesmo contexto, com a mesma clientela, por conta de uma necessidade de utilização, que acarretará na sua efetivação.

Ainda sobre esse aspecto histórico das correntes pedagógicas e filosóficas, Saviane (1997) e Libâneo (1990) apresentam um quadro para uma análise crítica. Nele, as principais Tendências Pedagógicas Brasileiras, tanto as Liberais quanto as Progressistas são demarcadas e explicadas em sua essência. Eles trazem, por exemplo, autores que foram preponderantes na implementação das ideias que fazem parte do cerne dos pensamentos.

O quadro apresenta as seguintes especificidades, quanto às tendências e suas devidas nomenclaturas:

não condiz com as ideias implantadas pelo capitalismo. O desenvolvimento e popularização da análise marxista da sociedade possibilitou o desenvolvimento da tendência progressista, que se ramifica em três correntes: Libertadora, Libertária e **Crítico-social dos conteúdos ou Histórico-Crítica. Um de seus principais representantes foi Paulo Freire.**

Figura 1: Tendências Pedagógicas Brasileiras.



Fonte: Brasil Escola – <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/tendencias-pedagogicas-brasileiras.htm>.

Autores como Anísio Teixeira que dinamizaram a implantação de uma Escola Nova – centrada no aluno e seus anseios ou ainda Skinner, defensor de uma Escola Tecnicista, que visualizava o aluno como um depósito passivo de conhecimentos, ou ainda Paulo Freire que vinculava a educação à luta e organização de classe do oprimido, na Tendência Libertadora são devidamente referendados e demarcados como nomes fundamentais na implementação dessas filosofias.

Todas as tendências e correntes têm uma base, uma história e uma justificativa para as suas existências. De acordo com Saviane (1997) e Libâneo (1990), a questão das Tendências Liberais não tem a ver com uma situação aberta ou democrática, mas com uma instigação ou necessidade de uma sociedade capitalista ou de classes, em que o aluno precisa ser devidamente preparado para desempenhar papéis sociais, de acordo com sua desenvoltura, aprimorando e aprendendo valores para bem viver em grupos, susceptível a normas de convivências, mesmo com sua cultura peculiar.

E sobre as Tendências Progressistas, de acordo com os mesmos autores, elas se fundamentam em uma análise crítica das realidades sociais, apresentam, no cerne, uma sustentação implícita das finalidades sociopolíticas da educação, não condizentes com as ideias implantadas pelo capitalismo. Os defensores de cada uma das linhas dão o tom necessário para reflexão das ideias e dos pensamentos defendidos por elas.

Esse aluno tão necessário para o bom funcionamento da engrenagem

social foi “objeto” de estudo e reflexão, desde sempre. A ele foram atribuídos os mais diversos papéis, foram feitas duras críticas, muitos elogios e ainda o responsabilizaram por possíveis mudanças e transformações sociais contundentes nas mais diversas realidades.

E é sobre ele (o aluno) e a aprendizagem em si, que se vai continuar o diálogo. A esse indivíduo ao qual muitas expectativas foram e ainda continuam a ser direcionadas, determinadas formas de trabalho (metodologias e estratégias), oriundas das diversas correntes e tendências, já não o atendem, como já ocorreu antes e, por conta disso, muito se fala e se faz, sejam professores, estudiosos, pedagogos, curiosos, dentre outros tantos.

Sobre isso, Ribeiro (2020), fala o seguinte:

O modelo unidirecional de aprendizagem serviu bem à proposta do contexto histórico anterior, o qual estava fundamentado na Revolução Industrial do século XIX e exigia de seus cidadãos comportamentos que os preparassem àquela realidade. Não é uma coincidência que o processo de aprendizagem era: seqüencial (em séries), através de modelos repetitivos [...], separados por períodos e idades [...], massivo [...], pouco questionador [...], sinalizações fabris [...]. Esse modelo atendia às necessidades do contexto industrial daquele momento histórico. No entanto, ele não corresponde mais às nossas necessidades contemporâneas. (RIBEIRO, 2020, p. 27-8)

E para dialogar melhor sobre o assunto, ideias defendidas pela BNCC corroboram com a discussão; no entanto, não há como negar que a necessidade de práticas distintas, de um discurso mais bem apurado, compatível com as demandas desse século e com os anseios de uma determinada clientela, precisa ocorrer. É como bem diz Leila no fragmento “esse modelo (de ensino/ aprendizagem) já atendeu ao contexto industrial daquele momento histórico”. A exigência de hoje é outra.

3. Os pensamentos de Leila Ribeiro e Bernard Charlot sobre a aprendizagem e às “novas” metodologias

Ribeiro (2020) fala de um modelo de educação que inquieta em relação aos seus procedimentos, critica-o, caracterizando-o como inócuo, defasado e dificultador de interações. Ela defende uma reformulação, no quesito aprendizagem, com construção, reconstrução, contato, dinamicidade e reflexão.

Sobre esse assunto, ela expressa o seguinte:

Vivemos em um mundo hipertextual, caótico, conectado em rede

distribuída e em constante versão beta, ou seja, em fluxo contínuo de desenvolvimento em fase de testes. A possibilidade de nos conectarmos através da internet modificou a estrutura de informação, de comunicação e de relacionamento entre as pessoas, que acabaram levando a cultura digital também para o mundo fora das telas. (RIBEIRO, 2020, p. 22)

Nesse mundo caótico já não comporta mais uma aprendizagem, uma educação nos moldes antigos. Ribeiro (2020) defende uma inovação, o conhecimento advindo de muitas partes e contínuo, sem espaços fixos e cheio de protagonismo. Ela continua:

Dessa forma, o modelo social tradicional que conhecemos anteriormente, o qual repassava o conhecimento de um (o professor) para muitos (uma sala de aula cheia de alunos) acaba fortemente modificado, até mesmo pelas nossas expectativas: descobrimos que podemos obter conhecimento dentro de um modelo de rede, em que todos (professores e alunos em uma sala de aula) podem aprender com todos. (RIBEIRO, 2020, p. 23)

A autora defende a não linearidade, a baixa das hierarquias verticais, a imprevisibilidade em relação ao saber (sem formas fechadas e por um único meio), um mundo hipertextual distribuído em rede, com impactos, em todos os momentos com situações variáveis. Assim, ela afirma:

É por isso que tem surgido, nas conversas dos departamentos de recursos humanos das corporações, denominações para uma série de novas competências e habilidades consideradas fundamentais para qualquer cidadão, as quais o mercado de trabalho tem chamado de *soft skills*: a colaboração, a curiosidade, a criatividade, o pensamento crítico, o protagonismo (no sentido de ser mais ativo no processo), a curadoria de informações, entre outras. São habilidades menos “duras” ou técnicas, menos *hard skills*, mas que se tornam cruciais para lidar com as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. (RIBEIRO, 2020, p. 25-6)

E essas características, essas marcas, acabaram sendo impressas no cidadão e expandindo do mercado de trabalho também para as salas de aula. Dessa forma, o ato de aprender traz, em si, configurações que cada vez mais requer coletividade, interação e conhecimento específico/ dinâmico.

Por sua vez, Charlot (2013), dialogando com Ribeiro, fala da situação, refletindo sobre os alunos das camadas populares.

O “aprender”, ou seja, o processo pelo qual aprendemos uma coisa, seja ela qual for, apresenta-se sob formas várias e heterogêneas. Aprender na escola é uma dessas formas, específica, valiosa, mas não única. Devemos respeitar a forma escolar de aprender, mas reconhecer, também, que existem outras. Para mim, essa questão da heterogeneidade das formas do aprender é fundamental. [...] Isso permite combater a ideia de que há carências nos alunos dos meios populares. Eles não têm carências; tem, sim, [...] outra forma de

entrar em um processo de aprendizagem. (CHARLOT, 2013, p. 161-2)

Na aprendizagem sob a ótica de Charlot (2013) o estar na escola, por exemplo, não seria apenas para passar de série; o prazer e a interação, o aprender e as contínuas transformações devem ser postas à mesa, com as devidas e respeitadas considerações, entrelaçadas com as novas tecnologias e metodologias compatíveis, acerca das informações e seus limiares.

É muito interessante também analisar o ser nessa interação com o aprender, de acordo com uma questão antropológica, defendida por Charlot (2013), inspirado em Kant. Para ele, o homem não é dado, é construído sob três formas: a espécie humana é construída por ela mesma no decorrer da história, a sociedade e a cultura tem uma história e cada um de nós pertence a uma cultura que foi constituída em um tempo e espaço específicos e o homem é construído enquanto sujeito singular – com sua história e idiosincrasia. Educação e aprendizagem para o autor passa pelo triplo processo: humanização, socialização e subjetivação/ singularização (Cf. CHARLOT, 2013).

A validação de uma aprendizagem pautada nas inter-relações apresenta uma conotação distinta no cotidiano: não basta apenas saber o nome do amigo ou conversar sobre coisas triviais; nas relações com o outro, seja em sala de aula ou não, todos têm o que dizer e isso deve ser levado em conta.

Assim, as metodologias utilizadas nas salas de aula para o ensino da língua materna, com as normas e regras gramaticais ou para o de outras disciplinas, precisam estimular participações e ter o protagonismo de muitos; dessa forma, o uso das metodologias ativas no contexto atual é de muita relevância.

Valente *et al.* (2017) escreve o seguinte sobre o assunto:

O fato de as metodologias serem “ativas” está relacionado às práticas pedagógicas que envolvem os alunos em atividades práticas, ou seja, situações de aprendizagem em que constroem conhecimentos sobre os conteúdos práticos, refletindo e estabelecendo relações com o contexto em que estão inseridos, bem como desenvolvem capacidade crítica, e “fornecem e recebem feedback, aprendem a interagir com colegas e professor e exploram atitudes e valores pessoais e sociais”. (VALENTE *et al.*, 2017, p. 463)

As estratégias didáticas assimétricas, com perguntas antecedendo uma pauta, uma atividade investigativa no meio de uma explicação, com um fechamento retomando as ideias acerca do assunto; bem como jogos e gamificações para introduzir, revisar ou aprofundar um conteúdo ou ainda

o uso da sala de aula invertida, em que as pautas são instigadas e apresentadas para possíveis pesquisas visando a uma discussão e debate posteriores, trazem um frescor diferenciado para a aprendizagem e podem colaborar e muito nas interpretações e produções textuais, na aprendizagem de pautas gramaticais e na expressividade do indivíduo como um todo.

Dialogar acerca das questões inerentes à aprendizagem e sobre o ensino da língua materna com alunos da terceira série do ensino médio, fechando a educação básica, propiciou a constatação de uma necessidade de efetiva mudança na rota do processo de ensino/ aprendizagem em relação ao ensino público e ratificou os pensamentos dos autores discutidos. Os nossos meninos e meninas precisam de espaço, de vez e de voz para expressarem suas histórias de vida em seu tempo próprio com condições dignas e apropriadas.

4. Considerações finais

A aprendizagem sempre teve o seu valor em alta em nossa sociedade; no entanto, as variações em seu formato de efetivação vêm mudando no curso da história, o que se pode comprovar aqui não só pelas falas de Ribeiro (2020) e Charlot (2013), mas também pela conversa que se teve com alguns alunos da 3ª série do ensino médio de alguns colégios públicos no município de Macaé.

Inserir novas metodologias e respeitar os espaços, as histórias de vida, reconhecendo que os seres sempre estão em constante transformação, acompanhando um percurso histórico, social, cultural e econômico fortalecerá os laços e acarretará numa aprendizagem muito mais significativa e estimulante: assim como é necessário aprender, em muitos momentos, também é necessário desaprender e reaprender em outros, sempre respeitando o curso individual do cidadão que se perfaz dia a dia com suas idiosincrasias e ritmo próprio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, Charlot. *Da relação com o saber às práticas educativas*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

RIBEIRO, Leila. *Aprenda, desaprenda, reaprenda: novos modelos para pensar e inovar a aprendizagem no mundo contemporâneo*. Recife: Pipa Comunicação, 2020.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, M. E. B; GERALDINI, Alexandre Fogli Serpa. Metodologias Ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. *Revista Diálogo Educacional*, v. 17, n. 52, p. 455-78, Curitiba, 2017.